

REDES E AGENCIAMENTOS: AGRICULTURA URBANA, UMA AÇÃO COLETIVA PARA A AUTOSSUFICIÊNCIA ALIMENTAR NA CIDADE DE GOIÂNIA

NETWORKS AND AGENCIES: URBAN AGRICULTURE, A COLLECTIVE ACTION FOR FOOD SELF-SUFFICIENCY IN THE CITY OF GOIÂNIA

REDES Y AGENCIAS: AGRICULTURA URBANA, UNA ACCIÓN COLECTIVA PARA LA AUTOSUFICIENCIA ALIMENTARIA EN LA CIUDAD DE GOIÂNIA

Osmar Custódio¹

RESUMO

Esta tese tem por objetivo investigar, sob uma perspectiva antropológica, os possíveis caminhos para a geração de comida saudável em ambiente urbano e periurbano, percorrendo a paisagem urbana e seus imaginários, controvérsias e práticas de manejo que persistem ao longo do tempo. O objetivo principal é mapear, pelas vias da etnografia, as conexões existentes entre os diversos territórios que compõem o processo dinâmico da agricultura urbana na macrorregião da cidade de Goiânia. Trata-se de um mapeamento voltado à observação dos sistemas alimentares, suas representações e os eixos culturais que os articulam, especialmente a partir de pesquisas antropológicas em soberania alimentar, integradas de forma multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar. Busca ainda entender as particularidades do manejo agrícola frente às condições específicas do bioma Cerrado, especialmente seu regime de chuvas. A área pesquisada abrange a região metropolitana e o perímetro denominado Circuito Curto de Produção (CCP). O arcabouço teórico-metodológico está centrado na Teoria Ator-Rede, com destaque para a obra de Bruno Latour, bem como nas contribuições de outros autores e autoras que dialogam de forma entremeada e complementar com essa abordagem. Além disso, a tese considera as atuais condições climáticas e suas implicações sobre a produção de alimentos, refletindo sobre o Antropoceno como fenômeno central para compreender os desafios contemporâneos da segurança alimentar. A pesquisa defende a viabilidade de transformar o ambiente urbano em um grande provedor de comida por meio de estratégias associadas à agricultura urbana e discute os impactos gerados pelo uso intensivo de agrotóxicos – termo que condensa os efeitos adversos do uso de venenos e fertilizantes no cultivo agrícola.

Palavras-chave: redes, saberes, práticas, cosmopolítica, antropoceno.

¹Doutor em Antropologia Social. Universidade Federal de Goiás - PPGAS _ Programa de pós-graduação em Antropologia Social. E-mail: osmarluciocustodio@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7138-4334>

ABSTRACT

This thesis aims to investigate, from an anthropological perspective, the possible paths for generating healthy food in urban and peri-urban environments, exploring the urban landscape and its imaginary, controversies and management practices that persist despite time. Its main objective is to map, through ethnographic means, the existing connections between the various territories that make up the dynamic process of urban agriculture in the macro-region of the city of Goiânia. The purpose of this mapping is to observe food systems, their representations, and the cultural axis that associates them, especially from anthropological research on food sovereignty, also in a multidisciplinary, interdisciplinary, and transdisciplinary manner. It also seeks to understand the particularities of management, the peculiar conditions of the cerrado biome, especially its rainfall regime. The researched area, in addition to the metropolitan region, is part of the diameter called Short Production Circuit (CCP). The theoretical-methodological framework is centered on the Actor-Network Theory and the development of Bruno Latour's work based on it, in addition to the contributions of other authors who have simultaneously carried out their works in an interwoven and complementary way. It also considers the current climate conditions and their implications - a phenomenon known as the Anthropocene - considering how they reverberate in the production of quality food in sufficient quantities to satisfy hunger. The research claims the viability of making the urban environment a major food provider through strategies associated with urban agriculture. In view of this, it discusses the impacts generated by the high use of poisons and fertilizers, encompassed by the term agrochemicals.

Keys-words: networks, knowledge, practices, cosmopolitics, Anthropocene.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo investigar, desde una perspectiva antropológica, las posibles vías para generar alimentos saludables en entornos urbanos y periurbanos, explorando el paisaje urbano y su imaginario, las controversias y las prácticas de gestión que persisten a pesar del paso del tiempo. Su objetivo principal es cartografiar, mediante medios etnográficos, las conexiones existentes entre los distintos territorios que conforman el proceso dinámico de la agricultura urbana en la macrorregión de la ciudad de Goiânia. El propósito de este mapeo es observar los sistemas alimentarios, sus representaciones y el eje cultural que los asocia, especialmente a partir de la investigación antropológica sobre la soberanía alimentaria, también de manera multidisciplinaria, interdisciplinaria y transdisciplinaria. También busca comprender las particularidades de la gestión, las condiciones peculiares del bioma del cerrado, especialmente su régimen de lluvias. El área investigada, además de la región metropolitana, forma parte del diámetro denominado Circuito Corto de Producción (CCP). El marco teórico-metodológico se centra en la Teoría del Actor-Red y el desarrollo de la obra de Bruno Latour basada en ella, además de las contribuciones de otros autores que han llevado a cabo sus trabajos de forma entrelazada y complementaria. También tiene en cuenta las condiciones climáticas actuales y sus implicaciones —un fenómeno conocido como Antropoceno— considerando cómo repercuten en la producción de alimentos de calidad en cantidades suficientes para satisfacer el hambre. La investigación defiende la viabilidad de convertir el entorno urbano en un importante proveedor de alimentos mediante estrategias asociadas a la agricultura urbana. En vista de ello, analiza los impactos generados por el elevado uso de venenos y fertilizantes, englobados en el término agrotóxicos.

Palabras clave: redes, conocimiento, prácticas, cosmopolítica, Antropoceno.

Esta tese tem por objetivo investigar, sob o ponto de vista antropológico, os possíveis caminhos para a geração de comida saudável em ambiente urbano e periurbano, percorrendo a paisagem urbana e seus imaginários, controvérsias e práticas de manejo que persistem ao longo do tempo. O objetivo principal é mapear, pelas vias da etnografia, as conexões existentes entre os diversos territórios que compõem o processo dinâmico da agricultura urbana na macrorregião da cidade de Goiânia. Trata-se de um mapeamento voltado à observação dos sistemas alimentares, suas representações e o eixo cultural que os associam, especialmente a partir de pesquisas antropológicas em soberania alimentar, em diálogo com abordagens multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares.

Defendo, nesta tese, a viabilidade de transformar o ambiente urbano em um grande provedor de alimentos, utilizando estratégias associadas à agricultura urbana. Busco, ainda, entender as particularidades do manejo, considerando as condições específicas do bioma Cerrado, em especial seu regime de chuvas. A área pesquisada abrange, além da região metropolitana, o perímetro denominado Circuito Curto de Produção (CCP).

Na pesquisa, argumento a favor da possibilidade de tornar o ambiente urbano um importante provedor de comida, com base em estratégias vinculadas à agricultura urbana. Diante disso, discuto os impactos gerados pelo uso intensivo de venenos e fertilizantes, condensados na expressão agrotóxicos. A prática da agricultura urbana aproxima-se da ideia de retomada de saberes e práticas sugeridas por Isabelle Stengers, cuja conexão, nesta pesquisa, se dá através da memória de produtores de alimentos – especialmente mulheres – e suas formas de cuidar dos quintais, além das transferências culturais perceptíveis no manejo cotidiano.

Esta tese, portanto, traça um panorama do objeto de pesquisa, relacionando os impactos globais aos locais e vice-versa, tornando possível perceber as prováveis insurgências cosmopolíticas que se anunciam.

Divido o trabalho em oito capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro capítulo versa sobre os conceitos de regime alimentar, segurança alimentar e soberania alimentar, e suas relações com a pesquisa, contextualizando-os tanto no âmbito global quanto no local.

No contexto global, destaca-se o conceito de “regime alimentar”, desenvolvido por Harriet Friedmann e Philip McMichael¹, como ferramenta analítica para

compreender a ordem internacional dos alimentos no período pós-Segunda Guerra Mundial. Tal conceito evidencia a “Revolução Verde” como uma estratégia geopolítica dos Estados Unidos para promover a segurança alimentar global, que, na prática, consolidou o agronegócio e gerou dependência de insumos químicos e tecnologias agrícolas.

Por outro lado, apresento a ideia de “soberania alimentar” como uma proposta alternativa, voltada à autossuficiência territorial e à produção sustentável de alimentos, com base em práticas agroecológicas. A partir desse contraponto, argumento que, no caso brasileiro, a produção agrícola está voltada majoritariamente para a exportação de *commodities*, como soja e milho, em detrimento da produção de alimentos voltados ao mercado interno. Essa lógica contribui para o agravamento da “insegurança alimentar”, especialmente entre as populações mais pobres e vulneráveis.

Na pesquisa, também destaco a importância de grupos de estudos locais, como o Grupo de Estudos em Consumo, Cultura e Alimentação (GECCA), coordenado à época pela professora Janine Collaço, na promoção de pesquisas voltadas ao patrimônio alimentar e à soberania alimentar. O GECCA tem como propósito resgatar práticas tradicionais de manejo e fortalecer a produção de alimentos saudáveis em pequena escala, especialmente em áreas urbanas e periurbanas. Em sinergia com os estudos do grupo, argumento que a agricultura urbana possui o potencial de promover a autossuficiência alimentar nas cidades, reduzindo a dependência de alimentos oriundos da agroindústria e da produção em larga escala, além de minimizar os custos de transporte.

No decorrer do trabalho, dedico-me a apresentação do referencial teórico-metodológico da pesquisa, com destaque para a Teoria Ator-Rede (ANT), desenvolvida por Bruno Latour^{2,3,4}. A ANT é utilizada como base para entender as conexões entre humanos e não-humanos⁵ no processo de produção de alimentos, considerando que objetos e tecnologias também desempenham papéis ativos nas redes sociotécnicas⁽⁶⁾ que compõem a agricultura urbana.

A tese também dialoga com os conceitos de “agenciamento”, “desterritorialização” e “reterritorialização”^{7,8,9}, propostos por Gilles Deleuze e Félix Guattari, com o objetivo de analisar as dinâmicas de poder e as transformações nos territórios urbanos e periurbanos. A pesquisa utiliza a perspectiva da “etnografia multissituada”, proposta por George Marcus, para mapear as conexões entre

diferentes atores e territórios, levando em consideração tanto as práticas locais quanto os impactos globais.

Além disso, abordo na tese as questões climáticas e o *Antropoceno*, utilizando as contribuições de Isabelle Stengers¹⁰ e Donna Haraway, com o intuito de refletir sobre os desafios enfrentados pela humanidade diante das mudanças ambientais. A ideia de *Gaia*, proposta por James Lovelock, é revisitada como uma forma de pensar a Terra como um organismo vivo, que responde às ações humanas de maneira dinâmica e imprevisível.

Em seguida, destaco os percalços e as limitações de realizar uma pesquisa em meio a uma situação de pandemia. Descrevo o panorama do ambiente e do objeto de estudo, evidenciando os desafios metodológicos enfrentados durante a pandemia de COVID-19. Demonstro a estratégia utilizada no período de isolamento social, pela qual busquei transformar o problema que se acenava em uma oportunidade de reflexão e reinvenção metodológica.

Na sequência, exploro o conceito de quintais como uma categoria que permite compreender os lugares de memória e as trocas simbólicas, destacando o papel das mulheres na organização social desses espaços. Os quintais são apresentados como locais de reprodução de práticas tradicionais de manejo, onde a diversidade de espécies e o cuidado com a terra são valorizados. Argumento que as hortas urbanas constituem uma extensão desses quintais, reproduzindo práticas e saberes transmitidos ao longo das gerações.

A pesquisa revela que os quintais são espaços de resistência, nos quais a memória e a cultura alimentar são preservadas, apesar das pressões do agronegócio e da urbanização. Destaco a importância de reconhecer e valorizar essas práticas, especialmente em um contexto de perda da diversidade alimentar e de degradação ambiental. Esse reconhecimento emergiu, de forma concreta, a partir dos diálogos com as interlocutoras, os quais remetiam, recorrentemente, a um aprendizado enraizado no ambiente familiar – uma transmissão de saberes de pais para filhos.

Ademais, observou-se que, embora a presença feminina se mantivesse fortemente ligada às práticas de cultivo e cuidado nos quintais, essas mulheres frequentemente desapareciam do cenário das relações comerciais vinculadas às hortas. Desta forma, tornou-se evidente que as hortas urbanas funcionam como representações dos quintais – estes, sim, espaços de domínio e organização feminina.

A etnografia possibilitou a recuperação, por meio de narrativas e descrições, de aprendizados e cuidados femininos que sustentavam as relações familiares e de sociabilidade. O ato de cuidar, marcado por jornadas diárias exaustivas, foi transmitido, paulatinamente pela voz de mulheres e suas memórias.

No capítulo "História de Vida de Produtores de Alimentos em Áreas Urbanas da Cidade de Goiânia", é apresentada uma análise etnográfica detalhada sobre o cotidiano de um casal de produtores urbanos, Baiano (Otávio) e Estelita, que enfrentaram desafios e controvérsias ao cultivarem alimentos em áreas públicas da cidade de Goiânia. O estudo utiliza a Teoria Ator-Rede (ANT) para compreender as complexas interações entre humanos e não-humanos no processo de produção agrícola urbana. A ANT é central para a análise, pois permite uma abordagem simétrica, na qual humanos e não-humanos – como plantas, animais, ferramentas e tecnologias – são tratados como atores igualmente importantes na construção da realidade social. Essa perspectiva é fundamental para compreender como o casal Baiano e Estelita integra práticas tradicionais e, ao mesmo tempo, se apropria de artefatos da modernidade em sua produção agrícola.

No decorrer do texto, é abordada ainda a relação entre humanos e não-humanos, a construção social de fatos e fetiches, bem como a interação entre saberes locais e globais. Latour argumenta que os "fatos" científicos e os "fetiches" culturais são igualmente construídos socialmente, e que a ciência não deve ser considerada superior às crenças tradicionais. Essa perspectiva é crucial para entender como os produtores rurais e urbanos interpretam e utilizam os agrotóxicos – muitas vezes vistos como "venenos" que, paradoxalmente, protegem suas lavouras.

Nessa etapa da pesquisa, assim como em outras situações analisadas, é explorada a interdisciplinaridade, integrando conhecimentos da antropologia, sociologia, agronomia, economia e ecologia. Utilizei dados econômicos e científicos para contextualizar o uso de agrotóxicos no Brasil, destacando que o país é o maior consumidor mundial desses produtos, com um mercado dominado por grandes corporações transnacionais como Syngenta, Bayer e BASF. Essas empresas, que controlam cerca de 90% do mercado global, promovem um ciclo vicioso de dependência química, no qual o aumento do uso de agrotóxicos gera resistência por parte das pragas, exigindo doses cada vez maiores. Esse fenômeno é analisado tanto

em escala global quanto local, mostrando como as práticas agrícolas brasileiras são profundamente influenciadas por dinâmicas internacionais.

O texto também aborda a ideia de “cosmopolítica”^{11,12}, conceito desenvolvido por Isabelle Stengers, que propõe a inclusão de não-humanos – como a terra, a água e as plantas – nas discussões políticas. Essa perspectiva é crucial para compreender como as decisões sobre o uso de agrotóxicos afetam não apenas os humanos, mas todo o ecossistema. A autora sugere que a mediação entre saberes tradicionais e científicos, aliada a uma regulamentação mais rigorosa do uso desses produtos, poderia mitigar seus impactos negativos.

São exploradas, ainda, as impressões e articulações entre os conceitos de *Antropoceno*, *da intrusão de Gaia* e *do perspectivismo ameríndio*, vinculando-os ao novo regime climático e as diferentes formas culturais de compreender a natureza, especialmente a partir dos olhares indígenas e ocidentais. Discuto, neste contexto, a produção de alimentos por meio do modelo de agroflorestas como uma alternativa sustentável diante das mudanças climáticas.

O *Antropoceno*, conceito que define uma era geológica marcada pela profunda interferência humana no planeta, tem sido amplamente debatido por autores como Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Os autores argumentam que a exploração desenfreada dos recursos naturais, a superexploração de humanos, animais e coisas, e a aceleração das mudanças climáticas são marcas incontornáveis desse período⁽¹³⁾. Nesse contexto, a *intrusão de Gaia*, proposta por Isabelle Stengers, ganha relevância. Gaia, personificada como a Terra, impõe novas maneiras de experimentar o espaço e o tempo, desafiando a crença de que a ciência, a tecnologia e o capital podem controlar os impactos ambientais.

Donna Haraway propõe substituir o termo *Antropoceno* por *Capitaloceno*^(14,15), destacando o papel central do capitalismo na crise ambiental. Para Haraway, a exploração desmedida dos recursos naturais e a produção em massa de riquezas são os verdadeiros responsáveis pela degradação ambiental. Essa crítica ressoa nas discussões sobre o *perspectivismo ameríndio*, desenvolvido por Eduardo Viveiros de Castro, que oferece uma visão alternativa sobre a relação entre humanos e natureza, desafiando as concepções ocidentais de superioridade humana e controle sobre o mundo natural.

Por fim, a pesquisa defende, de forma conclusiva, que a redução no uso de recursos naturais e a adoção de práticas mais sustentáveis são fundamentais para enfrentar os desafios impostos pelo novo regime climático. Para mitigar os impactos ambientais, é essencial promover práticas agrícolas sustentáveis, como as agroflorestas, a agroecologia e a agricultura de baixo carbono, além de incentivar a restauração de biomas degradados e o fortalecimento da educação ambiental. A transição para um modelo agrícola mais resiliente e menos impactante é imprescindível para garantir a sustentabilidade e a segurança alimentar diante das transformações climáticas globais.

REFERÊNCIAS

1. Friedmann H, McMichael P. Agriculture and the state system: the rise and decline of national agricultures, 1870 to the present. *Sociol Rural*. 1989;29(2):93-117.
2. Latour B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp; 2011.
3. Latour B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC; 2012.
4. Latour B. *Enquête sur les modes d'existence: une anthropologie des Modernes*. Paris: Éditions La Découverte; 2012.
5. Latour B. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34; 2013.
6. Marcus GE. Ethnography in/on the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *AnnuRevAnthropol*. 1995;24:95-117.
7. Deleuze G, Guattari F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34; 2010.
8. Deleuze G, Guattari F. *Mil platôs*. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Editora 34; 2019.
9. Deleuze G, Guattari F. *Mil platôs*. Vol. 5. 2ª ed. São Paulo: Editora 34; 2019.
10. Stengers I. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify; 2015.
11. Stengers I. *Cosmopolitics I*. Minneapolis: University of Minnesota Press; 2010.
12. Stengers I. *Cosmopolitics II*. Minneapolis: University of Minnesota Press; 2010.
13. Danowski D, Viveiros de Castro E. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. São Paulo: Cultura e Barbárie Editora; 2015.
14. Haraway D. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press; 2016.
15. Haraway D. Tentacular Thinking: Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene. *E-fluxJournal* [Internet]. 2016 [citado 2024 Jul 18];75. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/75/67125/tentacular-thinking-anthropocene-capitalocene-chthulucene/>